ISSN: 2358-8829

PEDAGOGIA SOCIAL EM ESPAÇOS NÃO ESCOLARES: EXPERIÊNCIA FORMATIVA EM UM CENTRO DE CONVIVÊNCIA INFANTIL

Lúcia Elene Doriguello[1]

Pela estrada da vida seguimos
Cada qual procurando melhorar
Tudo aquilo que vemos e ouvimos
Desejamos na mente interpretar
Pois todos nós na Terra
Possuímos o sagrado direito de Pensar.

Patativa do Assaré (apud GRACIANI, 2014, p. 20).

INTRODUÇÃO

O direito de pensar, presente nos versos de Patativa do Assaré citados por Graciani (2014), aproxima-nos de uma questão que atravessou a formação: reconhecer as crianças como sujeitos que interpretam o mundo e têm algo a dizer. Na disciplina Práticas Educativas em Espaços Não Escolares, essa reflexão orientou uma experiência com estudantes do primeiro semestre de Pedagogia da Faculdade Anhanguera de Piracicaba em um Centro de Convivência Infantil, articulando estudo, diálogo, planejamento e encontro com as crianças.

Iniciamos os estudos com a publicação *Educadores de rua: uma abordagem crítica*, de Paulo Freire, e com *Pedagogia do oprimido*. Em seguida, aprofundamos as discussões por meio de *Pedagogia social* e *Pedagogia social de rua*, de Maria Stela Santos Graciani. Essas leituras ajudaram a problematizar as desigualdades, os processos de exclusão e os modos de reconhecer os sujeitos como participantes da ação educativa. A intenção foi construir um repertório que permitisse aos estudantes compreender a atuação do pedagogo para além da transmissão de conteúdos.

As aulas dialogadas, os vídeos, o filme *Como Estrelas na Terra* e as rodas de conversa favoreceram a aproximação entre os conceitos e as questões trazidas pela turma. A presença de uma psicóloga social ampliou as reflexões sobre preconceitos, racismo estrutural, misoginia e outras formas de discriminação. O debate procurou questionar explicações que responsabilizam individualmente as pessoas por condições produzidas também nas relações sociais e nas desigualdades de acesso a direitos.

[1] Mestra em Educação. Docente do curso de Pedagogia da Faculdade Anhanguera de Piracicaba. E-mail: lucia.doriguello@kroton.com.br. Relato de experiência decorrente de projeto de ensino da disciplina Práticas Educativas em Espaços Não Escolares.

O objetivo deste relato é apresentar e discutir as aprendizagens construídas nesse percurso, considerando a preparação dos estudantes, a escuta da instituição, as revisões dos planos de ação e a mediação das atividades com as crianças. Buscamos compreender como a articulação entre estudo e experiência contribuiu para reconhecer a Pedagogia Social como campo de atuação e para exercitar uma postura educativa comprometida com acolhimento, participação e respeito às singularidades.

A experiência envolveu a apresentação institucional do CCI São José, a elaboração de propostas em grupos e sua realização com crianças vinculadas ao centro. Os relatos posteriores apontaram o envolvimento dos participantes e a necessidade de reorganizar a atuação diante de diferentes ritmos e comportamentos. Esses resultados são discutidos como aprendizagens de uma experiência situada, sem atribuir ao encontro efeitos duradouros que não foram acompanhados.

METODOLOGIA

O trabalho constitui um relato de experiência de caráter descritivo e reflexivo, referente ao percurso desenvolvido em 2026. A preparação teórica ocorreu entre fevereiro e abril e foi seguida pelo planejamento e pela atividade de campo. Participaram 30 estudantes do primeiro semestre de Pedagogia, organizados em seis grupos, e aproximadamente 30 crianças vinculadas ao CCI São José, com idades entre seis e onze anos. A condução pedagógica foi realizada pela professora da disciplina, Lúcia Elene Doriguello.

O relato foi construído a partir da experiência docente, do projeto de intervenção, da apresentação institucional e dos registros fotográficos. A síntese dos registros escritos pelos estudantes após a vivência contribuiu para identificar aprendizagens e desafios da mediação. A análise é qualitativa, sem quantificação de respostas ou transcrição de depoimentos individuais.

A primeira etapa compreendeu o estudo das obras de Freire e Graciani, acompanhado de aulas dialogadas, vídeos e rodas de conversa. O filme *Como Estrelas na Terra* foi trabalhado como recurso para discutir acolhimento e singularidades, sem transportar a situação apresentada na narrativa para o diagnóstico das crianças participantes. A roda com a psicóloga social ampliou o debate sobre as relações entre educação, desigualdade e formas de discriminação, incentivando os estudantes a rever julgamentos e reconhecer a importância da escuta.

ISSN: 2358-8829

Figura 1 – Roda de conversa como parte do percurso formativo



Fonte: arquivo da autora (2026). Rostos desfocados para preservar a identidade visual dos participantes.

Em 15 de abril de 2026, o diácono responsável pela administração do CCI e a coordenadora das atividades educativas apresentaram a história da instituição, o público atendido, o trabalho das educadoras e a organização do espaço. O encontro também abordou dificuldades de manutenção, a contribuição de parceiros, doações e voluntariado e a satisfação da equipe em participar do projeto. Essa apresentação antecedeu a elaboração dos planos de ação e ofereceu referências para pensar propostas pertinentes ao contexto.

Após essa escuta, os estudantes se reuniram em grupos para elaborar seu primeiro plano de ação na graduação. As versões iniciais foram retomadas várias vezes, sob orientação docente, até que as propostas apresentassem objetivos, materiais, organização e possibilidades de realização compatíveis com a atividade. As revisões também envolveram a postura dos estudantes, o respeito às crianças e a intenção de favorecer a convivência e o fortalecimento de vínculos.

A atividade prática ocorreu em 25 de maio de 2026. Durante sua realização, os seis grupos colaboraram entre si, compartilharam apoios e procuraram ajustar a condução ao envolvimento das crianças. A análise foi organizada em três eixos: formação e revisão de concepções; planejamento a partir da escuta institucional; e mediação das atividades e colaboração entre os grupos. Esses eixos permitem discutir o percurso, sem apresentar resultados de testes ou medidas de desenvolvimento infantil.

As fotografias pertencem ao arquivo da autora e foram selecionadas com os rostos desfocados. Elas documentam situações de organização e participação, sem identificar as crianças ou expor histórias familiares individualizadas. A interpretação dos registros é articulada à observação docente e às reflexões dos estudantes.

ISSN: 2358-8829

O CCI São José como espaço educativo e comunitário

A apresentação institucional situa o CCI São José na região oeste de Piracicaba e identifica sua atuação junto a comunidades do entorno do bairro Novo Horizonte. Segundo esse material, a história do projeto remonta à criação do CCI Menino Jesus, em 19 de janeiro de 1985, associado à iniciativa de Dom Eduardo Koaik. A memória institucional também registra a participação do padre Vicente Penetto e de Madre Celina, cujo nome foi incorporado à denominação do centro em 2015 (CENTRO DE CONVIVÊNCIA INFANTIL SÃO JOSÉ, 2026).

O mesmo material informa o início de uma reforma no segundo semestre de 2022 e a retomada do projeto em 12 de fevereiro de 2023, quando passou a se chamar CCI São José. Essa trajetória ajuda a compreender o espaço como resultado de uma construção comunitária anterior à visita dos estudantes. A experiência formativa se aproximou, portanto, de um trabalho já desenvolvido pela instituição e por suas educadoras, com rotinas e conhecimentos que precisavam ser reconhecidos.

O atendimento apresentado pelo CCI ocorre no contraturno escolar e articula orientação sociopedagógica, incentivo à cultura, alimentação, lazer e acompanhamento sociofamiliar. A exposição dos ambientes mostrou biblioteca, sala de vídeo, refeitório e áreas destinadas a diferentes atividades. Esses espaços constituíram referências para o planejamento, pois a disponibilidade de materiais e as formas de circulação interferem no modo de reunir as crianças e organizar a mediação.

As dificuldades de manutenção, relatadas pelos representantes, evidenciaram a importância das redes de apoio, das doações e do trabalho coletivo. Ao mesmo tempo, o reconhecimento dessa contribuição não reduz a ação educativa à entrega de recursos. Conhecer a instituição implicou compreender o sentido de suas atividades, respeitar o vínculo das crianças com as educadoras e planejar uma participação que dialogasse com esse trabalho cotidiano.

REFERENCIAL TEÓRICO

Educação dialógica e reconhecimento dos sujeitos

Em *Pedagogia do oprimido,* Freire (1987) permite pensar a educação como relação na qual os sujeitos participam da compreensão da realidade. Essa perspectiva foi importante para discutir o lugar ocupado pelos estudantes diante das crianças: preparar uma proposta não significava definir previamente tudo o que elas deveriam dizer ou produzir. O planejamento

precisava abrir espaço para a expressão, para as perguntas e para os sentidos construídos durante o encontro.

Ao discutir a relação entre palavra, ação e reflexão, o autor afirma:

> A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar. (FREIRE, 1987, p. 44)

O trecho contribuiu para pensar o silenciamento para além da ausência de fala. Uma criança pode estar presente na atividade e, ainda assim, encontrar poucas oportunidades de decidir ou de ter sua produção considerada. Na experiência relatada, a escuta foi uma orientação para a prática: interessar-se pelo que a criança dizia, observar suas escolhas e evitar que o estudante realizasse a tarefa por ela apenas para obter um produto esperado.

A compreensão do diálogo também orientou a reflexão sobre os próprios estudantes. A roda com a psicóloga social permitiu colocar em discussão concepções hegemônicas sobre pobreza, gênero e pertencimento social. O reconhecimento do racismo estrutural e da misoginia como temas de debate buscou problematizar naturalizações e julgamentos. Não se tratou de classificar o grupo de crianças a partir dessas categorias, mas de interrogar atitudes que poderiam limitar o acolhimento e a participação.

A relação entre estudo e ação apareceu nas revisões dos planos. Retomar uma proposta não foi entendido apenas como corrigir sua forma escrita, mas como perguntar sobre o sentido da atividade, as condições para realizá-la e a postura de quem a conduziria. Nesse movimento, a reflexão acompanhou a preparação para a prática, evitando tratar o planejamento como uma sequência pronta e indiferente ao contexto.

Educadores de rua e a realidade cotidiana dos educandos

A publicação *Educadores de rua: uma abordagem crítica* apresenta discussões sobre meninos e meninas em situação de rua e sobre a formação dos educadores. A seção dedicada às características desse público, foi trabalhada com os estudantes para discutir inserção precoce no mundo adulto, estratégias de sobrevivência, experiências práticas e exclusão social. Esses elementos foram analisados em seu contexto histórico, sem transformá-los em características naturais ou universais da infância em situação de vulnerabilidade.

Na parte em que dialoga com educadores de rua, Freire destaca a necessidade de conhecer a realidade dos educandos e de reconhecer as diferenças entre os campos de atuação:

ISSN: 2358-8829

> Enquanto a que atua na escola trabalha com horários fixados, com programas e conteúdos estabelecidos, o educador de rua não tem como pensar em horários demasiado fixos, conteúdos programáticos estabelecidos e exerce sua ação pedagógica com meninos e meninas mais sofridos, mais violentados e mais proibidos de ser. Ambos, porém, necessitam, repita-se, de ocupar-se da realidade cotidiana dos educandos. (FREIRE, 1989, p. 29).

A passagem foi importante para discutir que a atuação em um espaço não escolar exige conhecer as condições concretas do trabalho educativo. No CCI, essa aproximação começou pela escuta do diácono e da coordenadora, antes da definição das atividades. O princípio de atenção à realidade cotidiana não elimina a necessidade de planejar; orienta a construção de propostas que façam sentido para aquele grupo e para aquele espaço.

Em outro momento do diálogo, Freire (1989, p. 22) destaca a "colaboração crítica e consciente do educando" ao discutir a postura democrática. A passagem ajuda a pensar a relação entre orientação e participação: acolher as escolhas das crianças não elimina a presença do educador, mas exige que sua condução não se confunda com a manipulação das respostas. Esse foi um dos desafios colocados aos grupos durante a preparação e a realização das propostas.

O estudo da educação de rua também exigiu uma distinção: as crianças participantes eram vinculadas a um centro de convivência, e não foram apresentadas como crianças em situação de rua. A leitura contribuiu para ampliar o olhar dos estudantes sobre exclusão, identidade e postura educativa, sem autorizar a transposição de uma realidade para outra. Reconhecer essa diferença foi necessário para não transformar o referencial teórico em um rótulo aplicado aos participantes.

Pedagogia Social e o educador como sujeito político

As obras de Graciani (2005; 2014) constituíram pilares do percurso formativo. Em *Pedagogia social*, a autora relaciona a ação educativa à transformação das condições de opressão e ao reconhecimento da cultura dos sujeitos. Essa compreensão orientou nosso esforço de conhecer o trabalho do CCI antes de formular propostas para as crianças. A autora afirma:

> Visando transformar as condições de opressão existentes na sociedade, a Pedagogia Social se caracteriza como uma ciência transversal aberta às necessidades populares que busca enraizar-se na cultura dos povos para, dialeticamente, construir outras possibilidades sem aniquilar o passado, mas promovendo a sua superação. (GRACIANI, 2014, p. 20).

Ao reconhecer o educando como sujeito constituído por experiências, valores, medos, expectativas e conhecimentos diversos, Graciani (2014) destaca o compromisso da Pedagogia Social com a participação e a construção de projetos pessoais e sociais. Como professora, encontrei nessa reflexão um fundamento para orientar os estudantes a olhar para as crianças considerando suas histórias, seus saberes e suas formas de compreender o mundo, valorizando

ISSN: 2358-8829

sua participação nas atividades propostas. crianças a partir de suas possibilidades e histórias, respeitando seus desejos e formas de expressão.

No capítulo “O educador social: um sujeito político inserido na prática educacional”, Graciani (2014) apresenta a atuação educativa como um compromisso que envolve estudo, sensibilidade política e reflexão sobre a própria prática. Essa compreensão orientou o percurso desenvolvido com os estudantes, especialmente na elaboração e na revisão dos planos de ação, quando buscamos construir propostas que valorizassem a participação e os saberes das crianças. Nas palavras da autora:

> Através de uma proposta clara do trabalho pedagógico – no qual a proposição jamais se confunde com a imposição –, o educador social é um pesquisador, um investigador que estuda, propõe, organiza, percebe, intervém e testa constantemente o seu referencial teórico com sensibilidade política, articulação social e participação comprometida, objetivando desafiar o educando a aprender a pensar, a elaborar e criar conhecimentos, resgatando a sua confiança na própria capacidade de aprender com prazer e êxito. (GRACIANI, 2014, p. 25).

Essa passagem dialoga com as sucessivas revisões dos planos de ação. A proposta dos estudantes precisava ganhar condições de realização sem se tornar uma imposição sobre o grupo. Pensar materiais, objetivos e formas de condução também implicava perguntar que espaço seria oferecido às escolhas das crianças e como reconhecer sua participação. A autora reforça a importância da “escuta ao orientar o educador a ouvir antes de falar e a considerar a comunicação gestual e o universo lúdico dos educandos” (GRACIANI, 2014, p. 27).

As reflexões de Graciani (2014) sobre a construção coletiva do projeto político-pedagógico nos ajudaram a compreender a importância de planejar com objetivos claros, considerando o contexto e os sujeitos envolvidos. Durante a elaboração dos planos de ação, orientamos os estudantes a relacionar suas propostas ao trabalho educativo já desenvolvido pelo CCI, respeitando sua organização e as necessidades das crianças. As revisões fizeram parte desse processo, permitindo repensar os materiais, a condução das atividades e as possibilidades de participação

A experiência de rua e a sistematização da prática

A obra *Pedagogia social de rua: análise e sistematização de uma experiência vivida* também integrou os estudos. A resenha de Kássia Nunes da Silva (2011, p. 750-751) situa o projeto Educadores Sociais de Rua junto à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e destaca o trabalho com crianças e jovens do centro da cidade. Ao apresentar a obra de Graciani, a resenhista ressalta a relação entre leitura da realidade, diálogo com os grupos populares e construção do conhecimento.

ISSN: 2358-8829

Essa experiência constitui uma referência para pensar a aproximação entre formação acadêmica e prática social. O interesse não está em reproduzir o atendimento de rua no CCI, cujas crianças têm outro vínculo institucional, mas em reconhecer a necessidade de conhecer os sujeitos, interpretar o contexto e sistematizar a ação. O diálogo entre os saberes da universidade e os da instituição exige que os participantes sejam reconhecidos como produtores de conhecimento, e não apenas destinatários de uma atividade.

Educação como prática humana e especificidade da escola

Saviani (2008, p. 11) afirma que "a educação é um fenômeno próprio dos seres humanos". Essa compreensão nos ajudou a pensar a experiência no CCI como uma oportunidade de formação construída nas relações entre crianças, estudantes e educadoras, considerando os conhecimentos e as experiências compartilhados nesse encontro.

Ao discutir a educação escolar, Saviani (2008) critica o esvaziamento da função da escola ligada à socialização do conhecimento sistematizado. Essa reflexão ampliou o debate sobre a responsabilidade pedagógica dos estudantes, levando-os a considerar os objetivos e os conhecimentos envolvidos nas propostas, em diálogo com o trabalho educativo realizado pela instituição.

O filme *Como Estrelas na Terra* contribuiu para discutir com os estudantes a importância de conhecer o educando para além de seu comportamento ou de suas dificuldades. Na narrativa, Ishaan é frequentemente interpretado a partir daquilo que não consegue realizar, enquanto suas formas de perceber o mundo e suas possibilidades de expressão recebem pouca atenção. A aproximação do professor com sua história permite outro olhar sobre a criança e orienta mudanças na prática educativa.

Essa reflexão dialoga com a Pedagogia Social apresentada por Graciani (2014), ao reconhecer o educando como sujeito de experiências, valores, medos, expectativas e conhecimentos. Escutar e acolher são condições para construir uma intervenção que considere suas singularidades e favoreça sua participação. A expressão artística, presente no filme, também possibilita pensar diferentes maneiras de comunicar sentimentos, compartilhar experiências e produzir conhecimentos.

Na preparação para a atividade no CCI São José, discutimos essas questões para problematizar julgamentos apressados sobre as crianças. O filme foi utilizado para refletir sobre a responsabilidade do educador diante de diferentes ritmos, comportamentos e formas de aprender, sem atribuir diagnósticos aos participantes. A narrativa ajudou a compreender que

ISSN: 2358-8829

planejar exige observar o grupo e estar disponível para reorganizar a mediação, reconhecendo as crianças como sujeitos capazes de criar, escolher e participar.

O curta *Bilu e João*, dirigido por Kátia Lund e integrante de *Crianças invisíveis* (2005), amplia essa discussão ao acompanhar duas crianças que buscam sobreviver recolhendo materiais nas ruas de São Paulo. A narrativa permite problematizar o trabalho infantil e a invisibilidade social, sem reduzir os personagens às privações: suas estratégias e brincadeiras também revelam conhecimentos, imaginação e formas de interpretar a realidade.

Essa leitura aproxima-se de *Educadores de rua*, de Freire (1989), e dos estudos de Graciani (2014), ao exigir atenção às condições concretas da infância e à voz dos sujeitos. Para analisar a experiência no CCI, o curta ajuda a questionar julgamentos e a reconhecer o brincar e a expressão como dimensões da formação humana. A aproximação não significa atribuir às crianças do centro as condições vividas pelos personagens.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Da revisão de concepções ao planejamento da ação

O primeiro resultado formativo foi a construção de um percurso que antecedeu a atividade com as crianças. As leituras e as rodas de conversa ofereceram referências para os estudantes discutirem como interpretar situações sociais sem recorrer imediatamente a julgamentos. A participação da psicóloga social ampliou esse movimento ao aproximar conceitos de experiências e questões trazidas pela turma. O debate foi importante para pensar a postura do futuro pedagogo antes de sua atuação no campo.

A apresentação institucional introduziu informações que não poderiam ser deduzidas apenas dos textos teóricos. Conhecer a história do CCI, sua organização e o trabalho das educadoras ajudou a deslocar o planejamento de uma atividade genérica para uma proposta situada. Os representantes também apresentaram desafios e satisfações do trabalho cotidiano, permitindo aos estudantes perceber que a instituição reúne conhecimentos construídos na convivência com as crianças e suas famílias.

A elaboração do primeiro plano de ação exigiu sucessivas revisões dos objetivos, dos materiais e da condução das atividades. Esse processo dialoga com Graciani (2014), ao compreender o educador como alguém que investiga, reflete e revê sua prática. A cada retomada, orientamos os estudantes a considerar a realidade do CCI, os interesses das crianças e as possibilidades de participação nas propostas.

A dinâmica Quem Sou Eu e as produções das crianças

ISSN: 2358-8829

Na atividade prática, os estudantes demonstraram entusiasmo para realizar as propostas. A dinâmica “Quem Sou Eu?”, organizada com imagens de animais, despertou especial interesse nas crianças e favoreceu a interação e a imaginação. A análise considera seu papel na abertura do encontro e na aproximação entre os participantes.

Após a brincadeira, foram desenvolvidas produções artísticas com diferentes materiais. As crianças puderam conversar, imaginar, tomar decisões e compartilhar suas criações. As fotografias mostram situações em torno de mesas, com papéis e materiais de expressão artística, acompanhadas pelos estudantes. Esses registros ajudam a compreender a organização do encontro, enquanto a interpretação do envolvimento decorre também da síntese dos registros e do relato docente.

Figura 2 – Mediação dos estudantes nas atividades com as crianças



Fonte: arquivo da autora (2026). Rostos desfocados para preservar a identidade visual dos participantes.

A possibilidade de escolha durante as produções foi relevante para o sentido pedagógico da proposta. O interesse não esteve apenas em concluir um trabalho para ser apresentado, mas em criar condições para que as crianças se expressassem durante o fazer. Esse aspecto se aproxima da reflexão freireana sobre reconhecer a palavra do outro: escutar envolve considerar aquilo que ele produz e comunica, inclusive quando sua resposta não corresponde ao esperado pelo educador.

Colaboração entre os grupos e aprendizagens da mediação

Os seis grupos se ajudaram durante a realização das atividades, compartilhando apoios diante das necessidades do encontro. Essa colaboração foi destacada pela professora como parte significativa da experiência. O plano de cada grupo permaneceu como referência, mas a atuação exigiu também olhar para o conjunto e reconhecer situações em que o apoio de colegas favorecia a continuidade das propostas.

ISSN: 2358-8829

Na síntese dos registros posteriores, os estudantes apontaram desafios para mediar diferentes comportamentos, ritmos e formas de participação. Esses apontamentos não permitem concluir que todos aprenderam da mesma forma, mas revelam questões concretas enfrentadas na atuação. A convivência com as crianças levou a turma a perceber que o planejamento precisa ser acompanhado de observação e disponibilidade para reorganizar a condução.

O acolhimento foi discutido junto à intencionalidade pedagógica. Escutar as crianças não significava abandonar a organização da atividade, assim como manter um objetivo não deveria impedir sua participação nas decisões possíveis. Essa relação constituiu uma aprendizagem importante para estudantes que elaboravam seu primeiro plano de ação e começavam a reconhecer as exigências do trabalho em espaços não escolares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso na disciplina Práticas Educativas em Espaços Não Escolares possibilitou aos estudantes aproximar os estudos da Pedagogia Social de uma experiência educativa comunitária. A leitura de Freire e Graciani, as aulas dialogadas, os recursos audiovisuais e as rodas de conversa constituíram a preparação para um encontro que exigiu mais do que selecionar brincadeiras. Foi necessário discutir como conhecer o contexto, planejar e assumir uma postura respeitosa diante das crianças.

A apresentação dos representantes do CCI foi uma etapa importante dessa construção. Ao conhecer a história da instituição, o trabalho das educadoras e as dificuldades de manutenção, os estudantes tiveram referências para elaborar propostas relacionadas à realidade apresentada. As sucessivas revisões dos planos evidenciaram que o planejamento é um processo de construção, no qual objetivos, materiais e formas de condução precisam ser interrogados e ajustados.

Na prática, o envolvimento das crianças, as produções artísticas e a colaboração entre os seis grupos ofereceram situações para refletir sobre a mediação. Os desafios relatados pelos estudantes ajudaram a reconhecer que acolher, escutar e reorganizar a atividade são dimensões do trabalho educativo. A participação das crianças foi considerada em suas diferentes formas, sem tomar a realização de um produto uniforme como único critério de envolvimento.

Os resultados se referem à experiência e à síntese docente dos registros disponíveis, sem acompanhamento posterior das crianças. A continuidade do projeto poderá ampliar a escuta das crianças e das educadoras.

REFERÊNCIAS

BILU E JOÃO. Direção: Kátia Lund. In: CRIANÇAS invisíveis. [S. l.]: MK Film; RAI Cinema, 2005. 1 curta-metragem. Disponível em:<https://www.youtube.com/ watch? v= 8Mjjhui-Pq8>. Acesso em: 20 mar. 202

CENTRO DE CONVIVÊNCIA INFANTIL SÃO JOSÉ. *Apresentação institucional do CCI São José*. Piracicaba, 2026. Apresentação disponibilizada pela instituição.

COMO ESTRELAS NA TERRA: toda criança é especial. Direção: Aamir Khan. Índia: Aamir Khan Productions, 2007. 1 filme. Disponível em: <https://www.youtube.com /watch?v=6rxS S46Fwk4>. Acesso em: 20 mar. 2025.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 23. reimpr., 1994. Versão digital disponibilizada para estudo. As citações seguem a paginação do arquivo digital consultado.

FREIRE, Paulo. *Educadores de rua: uma abordagem crítica: alternativas de atendimento aos meninos de rua*. Bogotá: UNICEF, 1989.

GRACIANI, Maria Stela Santos. *Pedagogia social de rua: análise e sistematização de uma experiência vivida*. 5. ed. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2005. (Coleção Prospectiva, v. 4).

GRACIANI, Maria Stela Santos. *Pedagogia social*. São Paulo: Cortez, 2014.

SAVIANI, Dermeval. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. 10. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

SILVA, Kássia Nunes da. Pedagogia social de rua: análise e sistematização de uma experiência vivida [resenha]. *Educação e Filosofia*, Uberlândia, v. 25, n. 50, p. 749-756, jul./dez. 2011. Resenha da obra de Maria Stela Santos Graciani, 5. ed., 2005.